



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro de Reabilitação Infantil – Rede Sarah de Reabilitação-Unidade de Macapá

Macapá - Amapá, 20 de dezembro de 2005

Boa tarde a todos os homens e mulheres do Amapá,

Meu querido companheiro Antonio Waldez Góes, governador do estado do Amapá,

Meu querido companheiro José Sarney, ex-presidente da República e senador pelo estado do Amapá,

Meu caro dr. Aloysio Campos da Paz Júnior, presidente da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação,

Meu caro senador Gilvan Borges,

Meus companheiros ministros, deputados federais, deputados estaduais,

Minha cara Lúcia Braga, diretora da Rede Sarah,

Eu estou feliz com os discursos que eu já ouvi. Portanto, não se impressionem com a quantidade de papel que eu tenho aqui na mão, isso aqui é para impressionar vocês.

Toda vez, meu caro Lelé, que tenho a oportunidade, ou de visitar um hospital da Rede Sarah para visitar alguma pessoa que esteja com problemas, ou para inauguração – essa é a segunda vez que eu venho em pouco tempo, uma foi em Brasília – eu fico imaginando que jamais qualquer um de nós poderia imaginar que um hospital pudesse ser uma coisa prazerosa porque, normalmente, a impressão que um doente tem de um hospital é que ao chegar num hospital, sobretudo a parte mais pobre da população, é colocada num quarto ou numa enfermaria sem a possibilidade de um acompanhante e essa pessoa, muitas vezes, fica muito mais doente do que quando entrou no hospital



porque fica isolada, fica sozinha, fica numa situação difícil.

Normalmente, tanto hospitais quanto escolas públicas no Brasil, muitas vezes são feitos de forma a não aproveitar a energia mais barata que Deus nos deu, que é a própria energia solar, o calor do sol, a claridade do sol e cada vez que eu entro no Sarah eu fico imaginando: eu estou entrando em alguma coisa que não é apenas um centro de recuperação de pessoas que têm problemas.

Isto aqui é, sobretudo, um centro de esperança. Isto aqui é algo mais do que tratar de uma deficiência que tenha uma criança ou adolescente. Isto aqui trata da alma da mãe e do pai que consegue colocar uma criança aqui dentro para ser tratada, porque somente quem entende, somente quem já trabalhou com uma criança com problemas cerebrais tem noção do trabalho que é cuidar de uma criança: a falta de paciência, a falta de preparo, os contratempos entre a necessidade de cuidar e a falta de tempo de cuidar por falta de treinamento, por falta de preparo. Somente profissionais especializados são capazes de dedicar esse tempo extraordinário.

Eu não sei quanto tempo faz que eu conheci a dra. Lúcia, mas quando eu fui pela primeira vez ao Sarah visitar um companheiro, eu encontrei a dra. Lúcia, ela era muito... não sei se era menina porque ela tem a cara de menina, mas era muito nova, e aí eu fiquei imaginando como é que uma pessoa tão jovem... vi, agora, um monte de profissionais ali sentados no chão cuidando de crianças e fico imaginando: não é apenas por salário, salário não resolve esse problema, tem que ter um prazer interior, tem que ter uma coisa mais forte.

Por isso, Saraiva, de coração, eu fico feliz que tenhas renovado o acordo com a Rede Sarah por mais cinco anos porque – eu posso dizer isso aqui na frente dos meus companheiros do Ministério da Saúde – normalmente, havia divergências se o Estado deveria bancar um tipo de tratamento como este que dá o Sarah, porque é um tratamento de primeiríssima qualidade. No fundo, no fundo, no Brasil as pessoas às vezes não querem investir ou têm medo das coisas boas, bonitas e funcionais, como se pobre tivesse que ser tratado com



tratamento de segunda categoria ou de terceira categoria.

Na verdade, quando nós criamos o SUS, foi para isso, foi para dar ao mais pobre ser humano deste país a mesma qualidade do mais rico ser humano deste país, dentro da rede pública. E eu, a cada vez que venho ao Sarah, eu saio com o prazer, com a satisfação... quando uma mãe entra numa piscina para cuidar do seu filho, é diferente da rede tradicional, em que às vezes você pode fazer uma visita no domingo à tarde e, chega no domingo a tarde, todo mundo tem o mesmo horário para fazer visita; fica três horas esperando para entrar e, quando entra, tem outros familiares brigando porque querem entrar; você fica cinco ou dez minutos e sai de lá insatisfeito, o elevador está sempre lotado.... Aqui, mais do que tratar, a gente está dizendo para a mãe e para o pai: olhe, ao invés de ficar choramingando em casa a infelicidade de ter tido um filho com algum problema, abra a tua mente, o teu coração e venha trabalhar junto conosco, porque será tudo muito mais fácil.

Eu não sei dr. Aloysio, o quanto nós vamos inaugurar daqui para a frente porque nós estamos trabalhando a questão da saúde com um carinho especial. Eu sempre fui adepto da filosofia de que se a gente tiver saúde, o resto a gente enfrenta.

Nós estamos fazendo algumas coisas importantes para a região da Amazônia: a implementação do projeto de cooperação técnica com o Peru e com a Colômbia para as ações de controle sanitário em toda a nossa fronteira; os convênios com a Marinha para a operação dos navios de assistência hospitalar nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima; os de cooperação técnico-científica em parceria com a Faculdade de Medicina do ABC de São Paulo para atendimentos oftalmológicos; os investimentos do governo federal na Amazônia Legal, aqui, um dado importante: têm pessoas que não gostam que eu fale, mas eu gosto de falar e eu vou dar um dado para vocês verem a diferença entre a teoria e a prática: os investimentos do governo federal na Amazônia Legal, por meio de convênios, que eram de 53 milhões de



reais em 2002, chegarão ao final de 2005 em 543 milhões de reais.

É importante lembrar que nós aumentamos as equipes do Saúde da Família em 45%, desde que nós entramos. É importante lembrar que terminaremos o ano de 2006, meu caro dr. Aloysio e minha cara Lucinha, meus amigos, terminaremos o ano de 2006 com 400 centros de saúde bucal, onde pela primeira vez na história republicana, uma criança pobre vai poder fazer o tratamento de ortodontia, vai poder fazer tratamento de canal, vai poder recuperar... uma pessoa de idade vai poder fazer uma prótese decente, com protético, de graça, com horário marcado. Não precisa sair às três horas da manhã, pode marcar. E vai ter 400 centros em todo país, cada centro tratando de uma população de 500 mil habitantes.

Da mesma forma, vocês estão tendo a experiência do Samu. O Samu, numa grande cidade, eu vou dar um exemplo: em São Paulo, em um estudo que nós fizemos, um acidente acontecido numa determinada região, até levar para um hospital do centro de São Paulo, levava em média 42 minutos; depois do Samu, leva-se em 12 minutos, ou seja, são 30 minutos de diferença, o que dá para a gente recuperar muitas e muitas vidas.

Mas temos muitas coisas para fazer. O Felipe falou da farmácia popular, mas nós queremos mais do que a farmácia popular. O Felipe está trabalhando junto com os laboratórios, tentando encontrar um jeito de forçá-los a serem mais humanistas e vender remédio a granel. Não é possível que um cidadão se levante com dor de cabeça, queira tomar apenas um comprimido, e tenha que ir à farmácia comprar um tablete que tem quatro, que tem dez ou que tem cinco, para ficar a metade estocada, porque na casa de todo brasileiro tem uma farmácia num canto qualquer, com remédio vencido que muitas vezes não vale nada, quando a pessoa poderia comprar apenas o que quer: “Eu não quero dois, eu quero um. Eu não quero cinco, eu quero dois”.

Nós precisamos, então, induzir a indústria farmacêutica brasileira a entender, como o mundo desenvolvido já entende, que vender remédio a



granel é uma vantagem para o consumidor e para o país. E as empresas apenas terão que contratar alguns trabalhadores a mais, possivelmente algumas máquinas a mais e, possivelmente, até possam ganhar mais, não haverá diminuição nos seus ganhos.

O que nós precisamos é discutir a lógica da saúde pela lógica das necessidades da população e não pela lógica dos donos dos laboratórios ou pela lógica dos hospitais; tem que ser pela lógica das pessoas.

Por isso, de coração, eu saio daqui, Lelé, mais uma vez, encantado. Encantado porque isto aqui, para quem nunca veio aqui, para quem nunca esteve doente e para quem nunca ficou internado, pode vir aqui e pensar que visitou um hospital. Eu saio daqui com a convicção de que isto aqui é mais, muito mais do que um hospital. Isto aqui é um centro de diminuição de sofrimento de quem tem problema, e do aumento do prazer de quem não perdeu a esperança de que, com um bom tratamento, vai ser curado definitivamente.

Muito obrigado. Que Deus abençoe a todos vocês. E Amapá merece mais do que isso.